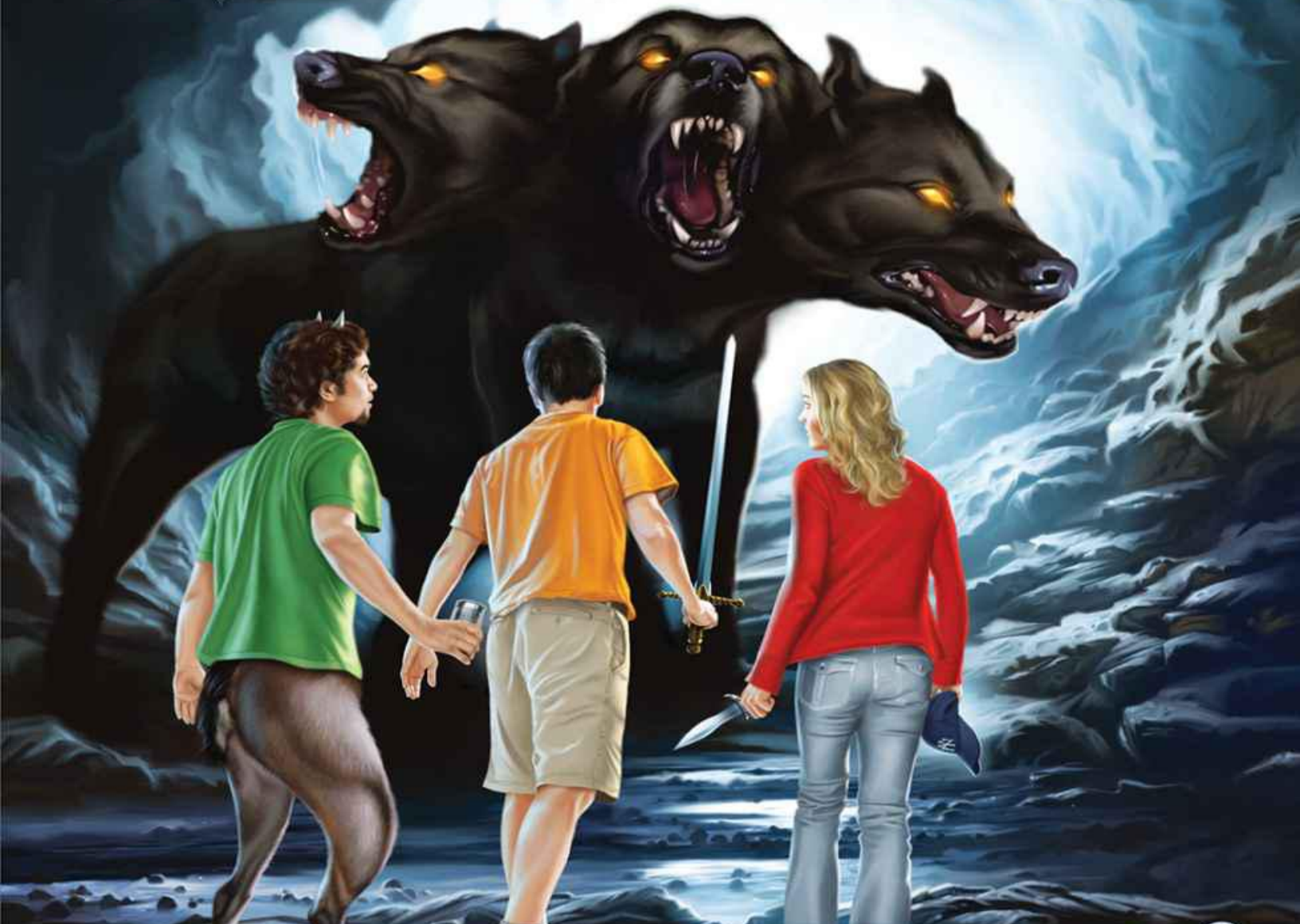


SEMIDEUSES E MONSTROS



ORGANIZAÇÃO E INTRODUÇÃO DE

RICK RIORDAN

AUTOR DAS SÉRIES PERCY JACKSON E OS OLIMPIANOS E OS HERÓIS DO OLIMPO

intrínseca

SEMIDEUSES E MONSTROS

ORGANIZAÇÃO E INTRODUÇÃO DE
RICK RIORDAN

TRADUÇÃO DE RAFAEL GUSTAVO SPIGEL E JANAÍNA SENNA



“Reconhecimento de monstros para iniciantes” © 2008 by Rosemary Clement-Moore
“Por que tantos monstros trabalham no comércio?” © 2008 by Cameron Dokey
“Roubar o fogo dos deuses” © 2008 by Paul Collins
“Que tal ser uma das Caçadoras de Ártemis?” © 2008 by Carolyn MacCullough
“Dioniso: Quem o deixou administrar um acampamento?” © 2008 by Ellen Steiber
“Os deuses entre nós” © 2008 by Elizabeth M. Rees
“Percy Jackson e os Senhores da Morte” © 2013 by J. & P. Voelkel
“Mamãe mandou eu escolher...” © 2008 by Jenny Han
“Percy, eu sou seu pai” © 2008 by Sarah Beth Durst
“Mais maus, impossível” © 2013 by Hilary Wagner
“O herói grego – Novo e melhorado!” © 2013 by Hilari Bell
“Nem mesmo os deuses são perfeitos” © 2008 by Elizabeth E. Wein
“Olhos congelados” © 2008 by Kathi Appelt
“A linguagem do coração” © 2008 by Sophie Masson
“Glossário de antigos mitos gregos” © 2008 by Nigel Rodgers
Introdução e textos introdutórios © 2008, 2013 by Rick Riordan

Publicado originalmente nos Estados Unidos por BenBella Books.

TÍTULO ORIGINAL

Demigods and Monsters

COPIDESQUE

Carolina Rodrigues

Janaína Senna

REVISÃO

Eduardo Carneiro

Marcela de Oliveira

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

Ralph Voltz

ARTE DA CAPA

Laura Watkins e Sarah Dombrowsky

REVISÃO DE EPUB

Juliana Latini

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-558-3

Edição digital: 2014

Todos direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3^o andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Introdução

Rick Riordan

Reconhecimento de monstros para iniciantes

Rosemary Clement-Moore

Por que tantos monstros trabalham no comércio?

Cameron Dokey

Roubar o fogo dos deuses

Paul Collins

Que tal ser uma das Caçadoras de Ártemis?

Carolyn MacCullough

Dioniso: Quem o deixou administrar um acampamento?

Ellen Steiber

Os deuses entre nós

Elizabeth M. Rees

Percy Jackson e os Senhores da Morte

J. & P. Voelkel

Mamãe mandou eu escolher...

Jenny Han

Percy, eu sou seu pai

Sarah Beth Durst

Mais maus, impossível

Hilary Wagner

O herói grego – Novo e melhorado!

Hilari Bell

Nem mesmo os deuses são perfeitos

Elizabeth E. Wein

Olhos congelados

Kathi Appelt

A linguagem do coração

Sophie Masson

Glossário de antigos mitos gregos

Nigel Rodgers

Sobre o autor

Conheça os livros do autor

INTRODUÇÃO

Rick Riordan

As pessoas que tentarem encontrar uma razão para esta narrativa serão processadas; as pessoas que tentarem encontrar uma moral serão banidas; as pessoas que tentarem encontrar um enredo serão fuziladas — POR ORDEM DO AUTOR.

— Mark Twain, página inicial de
As aventuras de Huckleberry Finn

Uma radiografia da cabeça do autor

Há muitos anos, antes de Percy Jackson surgir em minha vida, eu era conhecido sobretudo como um escritor de romances policiais para adultos. Certa noite, participei de um evento com outros dois autores, e um deles explicou por que gostava do meu livro *The Devil Went Down to Austin*.

“A estrutura é impressionante”, disse ele ao público. “É um livro sobre mergulho, e conforme os personagens vão descendo pelas águas escuras e nebulosas, o enredo também fica mais sombrio e nebuloso. O simbolismo é muito inteligente.”

A plateia pareceu devidamente impressionada. E eu, confuso.

Eu criando simbolismos? Quem diria?

Após o evento, quando confessei ao outro autor que não havia concebido a tal estrutura nebulosa intencionalmente, que talvez aquilo fosse apenas o resultado de um esboço malfeito, ele ficou chocado. Ele tinha estudado minha escrita. Tinha feito descobertas brilhantes. E eu estava apenas contando uma história? Impossível!

Isso não significava que as descobertas dele não tivessem seu valor ou que o simbolismo não estivesse presente no livro. Mas sua interpretação levantava uma questão importante sobre a diferença entre escrever uma história e analisá-la.

Qualquer livro, seja para crianças, seja para adultos, pode ser lido em diversos níveis — podemos simplesmente apreciá-lo, ou podemos procurar significados e nuances escondidos. Podemos até mesmo escrever ensaios sobre a obra, explorando-a sob diferentes perspectivas.

A função do escritor é escrever o livro. A função do leitor atento é encontrar significado nele. Ambas as funções são importantes. Os significados encontrados podem esclarecer, fascinar e surpreender. Podem até mesmo surpreender o autor, que utiliza símbolos e temas inconscientemente. Pelo menos *este* autor. Eu não penso sobre isso, não mais do que um falante nativo de uma língua pensa conscientemente sobre a concordância entre sujeito e verbo enquanto fala.

A abertura de *As aventuras de Huckleberry Finn* sempre foi uma das minhas citações prediletas de Mark Twain. Twain, inflexível que era, desejava que seus leitores simplesmente lessem o livro, e não que o examinassem em busca de lições morais, mensagens e muito menos de uma estrutura narrativa. Claro que isso não impediu que gerações após gerações de estudantes escrevessem seus trabalhos de conclusão de curso sobre o romance.

Quando fui convidado para editar esta antologia, não soube bem o que pensar. Por que tantos escritores talentosos iriam querer escrever sobre

meus livros infantojuvenis? E, mesmo assim, quando li os textos, fiquei impressionado. Cada um tinha uma perspectiva diferente sobre Percy Jackson — todas fascinantes e intelectualmente instigantes. Muitas me fizeram pensar: “Era isso que eu estava fazendo?” Foi como se alguém tirasse uma radiografia da minha cabeça. De repente, notei tudo o que estava acontecendo dentro dela sem que eu nunca tivesse percebido.

Talvez tenha sido por isso que Mark Twain tentou alertar os críticos que quisessem interpretar sua obra. Não significa que as interpretações estejam erradas. É que elas mexem muito conosco!

O semideus inesperado

Nunca tive a intenção de escrever a série *Percy Jackson e os olímpianos*.

Quando meu filho mais velho estava no segundo ano, começou a ter problemas na escola. Não conseguia se concentrar. Não queria ficar sentado lendo. Escrever era um desafio doloroso.

Sendo escritor e professor de ensino fundamental, não foi nada fácil para mim aceitar o fato de que meu filho odiava a escola. Então veio a fatídica reunião de pais, ocasião em que os professores sugeriram que meu filho passasse por uma completa avaliação psicoeducacional. Algumas semanas depois, obtivemos os resultados: transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) e dislexia.

Esses conceitos não eram novidade para mim. Tive muitos alunos com dificuldade de aprendizagem. Já havia realizado modificações nas aulas por causa disso, preenchido formulários de avaliação.

Mas quando a criança em questão é seu próprio filho, é diferente.

Como eu poderia ajudá-lo a compreender o que estava acontecendo com ele? Como eu poderia abordar o problema de maneira positiva?

No final, recorri ao que sei fazer melhor — contar histórias.

No segundo ano, a salvação de meu filho foi a mitologia grega. Essa era a única parte da matéria de que ele gostava. Toda noite, à hora de dormir, ele me pedia que lhe contasse histórias sobre mitos, e quando eu não tinha mais nenhuma para contar, ele me pediu que inventasse.

Então, de forma espontânea, veio-me à mente — como Atena surgindo da testa de Zeus — o mito que contava o surgimento do TDAH e da dislexia. Criei, então, Percy Jackson, um semideus grego, igual a Hércules, Teseu e Perseu, exceto pelo fato de Percy ser uma criança moderna. Ele tem TDAH e dislexia, e aprende que, juntos, esses dois transtornos comprovam que, sem sombra de dúvidas, ele tem sangue olímpiano.

Em *O ladrão de raios*, o transtorno do déficit de atenção indica que você tem sentidos muito aguçados. Você enxerga exageradamente, e não com dificuldade. Esses reflexos não são úteis em uma sala de aula entediante, mas o manterão vivo em um campo de batalha. A dislexia indica que seu cérebro é programado para o grego antigo, então, é claro, ler em inglês é um esforço e tanto.

Meu filho não teve o menor problema em aceitar essa teoria.

Na história, Percy Jackson descobre que ser diferente pode ser uma fonte de força — e um sinal de grandeza. Ser ruim em termos acadêmicos não significa que você seja um fracasso. Percy era minha maneira de homenagear todas as crianças às quais ensinei que sofrem de TDAH e dislexia. Mais do que isso: foi um mito para meu filho compreender quem ele mesmo era.

Quando terminei de contar a história, meu filho me pediu que eu a escrevesse. Fiquei indeciso. Não achei que alguém pudesse gostar daquilo, e eu não tinha muito tempo livre para a tarefa. Já estava lecionando em período integral e escrevendo um romance policial por ano. Entretanto, arranjei um tempo e escrevi *O ladrão de raios*.

Meu filho adorou a versão final. Com certo receio, entreguei o manuscrito para alguns alunos. Eles também adoraram. Então, enviei o livro para as editoras com um pseudônimo, pois assim eu não ficaria constrangido ao receber uma avalanche de rejeições. Passadas algumas semanas, o livro foi a leilão e acabou arrematado pelo Disney Book Group.

No final daquele ano letivo, passei a escrever histórias infantojuvenis em tempo integral. A série *Percy Jackson* logo foi publicada no mundo todo.

Se há cinco anos você tivesse me dito que alguém iria querer criar uma antologia de ensaios baseados em uma história de ninar que eu inventei para meu filho, eu o teria chamado de louco.

O poder do mito

Então, por que a série repercute tanto entre os jovens leitores? Por que as pessoas ainda querem ler mitos gregos? São histórias de muito tempo atrás, sobre uma sociedade bem diferente da de hoje. Que relevância elas poderiam ter no século XXI?

Sem dúvida, é possível alguém superar os obstáculos da vida sem conhecer algo sobre mitologia, mas sua existência seria bem pobre. A mitologia é o simbolismo da civilização. Contém nossos arquétipos mais profundamente entranhados. Quando você descobre a mitologia, passa a enxergá-la em todos os lugares — desde os dias da semana até a arte e a arquitetura. É muito difícil encontrar qualquer obra de literatura inglesa que não retrate, de certa forma, a mitologia clássica, seja na jornada do herói, seja nas alusões aos seres do Olimpo.

Então, conhecer mitologia faz de uma pessoa um cidadão mais bem-informado, mas sua importância vai além disso. A mitologia é um modo de compreender a condição humana. Os mitos sempre foram uma tentativa do homem de explicar fenômenos — e não apenas por que o Sol percorre todo

o céu; os mitos também explicam o amor, o medo, o ódio, a vingança e toda a extensão dos sentimentos humanos.

Quando visito escolas, costumo perguntar às crianças qual deus grego elas gostariam de ter como pai. A melhor resposta foi a de uma aluna do Texas, que disse “Batman!”. Na verdade, a sugestão dela não é tão absurda, pois o que está em jogo é a mesma ideia: criar uma versão super-humana da humanidade de forma que possamos explorar nossos problemas, nossas forças e nossas fraquezas com mais amplitude. Se o romance coloca a vida sob a lente de um microscópio, a mitologia a transforma em um outdoor.

Os mitos também não se limitam ao passado. Nós não os deixamos para trás na Idade do Bronze. Criamos mitos o tempo todo. Meus livros, entre outras coisas, exploram o mito da América como o marco da civilização, o mito de Nova York e o mito do adolescente norte-americano.

Quando entendemos a mitologia clássica, compreendemos parte de nossa própria natureza e de nossa tentativa de explicar o que não compreendemos. E, enquanto formos humanos, haverá coisas que não compreendemos.

Em um nível mais básico, a mitologia grega é simplesmente divertida! As histórias contêm aventura, magia, romance, monstros, heróis corajosos, vilões medonhos e jornadas fantásticas. Tem como não gostar?

A mitologia agrada principalmente aos leitores pré-adolescentes porque eles conseguem se identificar com os semideuses. Tal qual Hércules, Jasão e Teseu, Percy Jackson é metade homem, metade deus. Está constantemente se esforçando para compreender sua individualidade, pois circula entre dois mundos sem pertencer a nenhum deles. Os estudantes dessa faixa etária compreendem o que é estar perdido no meio, entre a idade adulta e a infância. Eles se sentem presos no meio o tempo todo, aprisionados em uma condição desajeitada. Tudo está em constante mudança para eles — física, social e emocionalmente. O semideus é uma metáfora perfeita para a

situação em que se encontram, e é por isso que a jornada de Percy repercute tanto entre eles.

Quando realizo eventos em escolas, geralmente faço um jogo de perguntas e respostas sobre mitologia grega com as crianças e os adolescentes. Não importa qual escola eu visite, ou quão pouco os alunos estudaram mitologia em sala de aula, eles sempre sabem as respostas, e os adultos sempre ficam impressionados. É quase certo que algum professor vai aparecer no fim, de olhos arregalados, dizendo: “Eu não sabia que nossos alunos sabiam tanto sobre mitologia!”

Isso não me surpreende. A mitologia *pertence* aos jovens leitores. Eles se enxergam como o herói. Eles adquirem esperança nos próprios esforços ao irem atrás de suas jornadas. E, sim, às vezes até mesmo veem seus professores como monstros!

Sobre esta antologia

Nestas páginas, você descobrirá o que realmente motiva Dioniso. Aprenderá a dar notas a seus pais. Explorará os monstros mais legais e os vilões mais horríveis da série *Percy Jackson e os olímpianos*. Decidirá se tornar-se uma Caçadora de Ártemis é um bom negócio ou um erro desastroso. Aprenderá até mesmo a descongelar seus globos oculares e a desvendar os mistérios de sua profecia. Qual ensaio chega mais próximo da verdade? Não cabe a mim dizer.

Cerca de um ano atrás, em uma sessão de autógrafos de *O ladrão de raios*, um garoto da plateia ergueu a mão e perguntou:

— Qual é o tema do livro?

Eu o fitei com um ar vago.

— Não sei.

— Droga! — exclamou ele. — Eu preciso disso para o meu relatório!

Eis a lição: se quer saber o tema de um livro, a última pessoa a quem você deve perguntar é o autor. Esta antologia, no entanto, oferece perspectivas estimulantes e observações impressionantes. Se está procurando algo que erga a Névoa de seus olhos e o faça dizer “Aha! Os monstros *existem!*”, então você veio ao lugar certo.

Reconhecimento de monstros para iniciantes

Lições de Percy Jackson sobre monstros e heróis

Rosemary Clement-Moore

Todo jovem herói vai enfrentar monstros. Isso é um fato. Mas será que vocês os verão antes que eles os vejam? Rosemary Clement-Moore oferece este prático guia de sobrevivência para semideuses, repleto de dicas para ajudá-los a: a) reconhecer os sinais de alerta de que há um monstro por perto; b) evitar a criatura, se possível; e c) saber o que fazer quando você tiver que lutar. Aprendam tudo o que puderem, semideuses. Nunca se sabe quando seu professor de matemática mostrará as garras.

O que você faria se certa manhã, ao acordar, desse de cara com um sátiro e ele dissesse que vai levá-lo a um acampamento especial para pessoas como você, que é meio deus, meio humano?

É possível que achasse graça da situação, pensando se tratar de uma pegadinha. Ou talvez considerasse a ideia ótima. Mas se você já leu os livros da série *Percy Jackson*, ficaria também seriamente preocupado. Ser um semideus pode soar glamoroso, mas no mundo de Percy o filho de um deus pode esperar uma vida cheia de adversidades e perigo. Heróis, estejam eles em uma jornada ou apenas tentando passar de ano na escola, devem sempre estar alertas e vigilantes quanto a monstros.

Imagine que você está vivendo no mundo de Percy: aquela loja de donuts na esquina faz um arrepio percorrer sua espinha? A popularidade de

certa rede de cafeterias tem algo a ver com a sereia em seu lago? E quanto ao sem-teto que vive debaixo daquela ponte próxima ao seu prédio? Ninguém acha estranho ele usar cachecol e sobretudo o ano todo?

Ou talvez você more no interior, e de repente um monte de cabeças de gado comece a desaparecer misteriosamente. Seria apenas a presença de coiotes ou um monstro perambulando por ali e se alimentando das melhores vacas leiteiras do tio Walt? O que será que realmente deu início aos últimos incêndios nas florestas da Califórnia: um campista descuidado ou uma Quimera que solta fogo pelas ventas?

Para Percy e seus colegas, fazer esse tipo de pergunta pode significar a diferença entre a vida e a morte. Isso sem mencionar o sucesso de uma missão. Ignorar seus instintos poderia levar à morte... ou pior: a uma humilhante derrota.

Se de repente você descobrir que é um semideus como aqueles que habitam o mundo de Percy Jackson, não se iluda achando que vai passar todo o seu tempo fazendo escaladas e praticando arco e flecha. Essas coisas são importantes, mas se quiser de fato sobreviver ao ataque de um monstro, você precisará aprender a reconhecê-los. Assim poderá traçar um plano de luta ou de fuga, de acordo com o que achar mais prudente para a ocasião. Percy Jackson teve que aprender essas lições da maneira mais difícil. Enquanto alguns de seus colegas poderiam considerar as constantes ameaças à vida como oportunidades de crescimento pessoal, o sábio herói agiria como os filhos de Atena e lutaria com sabedoria, não com ímpeto.

Felizmente, os triunfos — e erros — de Percy podem nos ensinar muito. Então, caso um dia você abra a porta e se depare com um sátiro, eis o que aprendi lendo os livros de Percy Jackson: três lições simples para sobreviver em um mundo cheio de monstros que querem matá-lo.

Lição 1: Os monstros e você

A primeira coisa que deve ser notada quando se lida com criaturas míticas é a natureza básica da relação entre herói e monstro: há grandes riscos de que mesmo um encontro casual entre eles resulte em morte para um ou para ambos. É simples: heróis matam monstros, e monstros se ressentem disso.

Vamos pegar alguns exemplos do mundo antigo: Belerofonte, Teseu, Hércules e Perseu.¹ Todos eles heróis, e todos eles assassinos de monstros — Quimera, Minotauro, Hidra e Górgona. Os monstros são implacáveis. A juventude não chega a ser sinônimo de proteção; os monstros não têm ética, portanto não veem problemas em se livrar de seus inimigos naturais enquanto ainda são jovens e vulneráveis.

Semideuses têm certas vantagens sobre monstros. Dependendo do tipo de criatura que esteja enfrentando, ele pode ser mais rápido ou mais flexível. Sua habilidade ao usar uma arma pode se opor à vantagem natural de, digamos, usar uma pele à prova de balas, como a do Leão de Nemeia, ou sete cabeças que sempre voltam a crescer, como as da Hidra. Sua metade humana faz o herói ser mais esperto do que a média dos monstros, desde que o herói realmente use o cérebro. Sua metade deus também acrescenta vantagens, sem dúvida alguma, embora, é claro, isso dependa amplamente do deus em questão.

A maior vantagem dos monstros — além das coisas óbvias, como garras, dentes, veneno, tamanho e força superiores — é que eles nunca morrem de verdade. O centauro Quíron nos conta que os monstros são “arquétipos”. Um arquétipo é a ideia básica, original de algo. Isso significa que quando personagens semelhantes aparecem em diferentes livros e filmes, todos eles foram baseados no arquétipo original. Por exemplo, o *personagem* Fofó, o cão de três cabeças que vigia a pedra filosofal no primeiro livro da série *Harry Potter*, surgiu da *ideia* de Cérbero, o cão de três cabeças que protege a entrada para o Mundo Inferior.²

Então, os monstros, assim como as ideias, nunca podem ser mortos, e carregam lembranças de muito tempo atrás. Se você é um herói e enfrenta uma criatura mágica, ela pode já ter virado pó muitas vezes ao longo dos anos, pelas mãos de heróis como você. Portanto, seria sensato supor que ela guarda rancor por isso e que ficaria muito feliz em ver você destruído.

Percy Jackson sabe disso muito bem, e é uma experiência com a qual podemos aprender: nada diz mais “seus dias estão contados” do que um Minotauro a sua porta.

Deve-se salientar que os filhos de deuses menos poderosos não vão atrair tanta atenção dos monstros quanto aqueles cujos pais são mais poderosos. Você pode pensar que seria “legal” se seu pai olímpiano fosse um dos deuses principais, mas paga-se um preço muito alto por esse tipo de status.

Percy é o exemplo perfeito. Ter Poseidon como pai pode lhe proporcionar poderes incríveis, mas também faz dele um alvo altamente visado. Então, mesmo que você fosse um semideus com habilidades extraordinárias, isso não lhe garantiria tranquilidade de modo algum.³

O mundo dos deuses e monstros é cruel. Um herói não pode contar com a ajuda de seu pai imortal. Existem regras que impedem a interferência direta, e, ao que parece, quanto mais alta a posição de um deus na hierarquia, mais limitada é sua intervenção. Após Annabeth Chase fugir da casa do pai, sua mãe, Atena, garante que ela se encontre com um meio-sangue mais velho e mais poderoso. Thalia, filha de Zeus,⁴ quase consegue conduzir seus amigos à segurança do acampamento, mas quando ela está prestes a ser morta por uma horda de monstros, só resta a Zeus transformá-la em uma árvore no topo da Colina Meio-Sangue.

No final das contas, cabe a qualquer jovem herói cuidar de si próprio. Um pai ou protetor pode ajudar, mas é da natureza do herói ter que enfrentar sozinho os monstros.

Lição 2: Tipos de monstros

Monstros podem ser classificados de diversas maneiras: pelo habitat, pela lealdade, pela inteligência, pela letalidade, e assim por diante. Para o objetivo desta lição, vou separá-las em dois tipos principais: aqueles que vão matá-lo de propósito — seja por motivo pessoal, seja porque você entrou por engano na toca deles — e aqueles que vão matá-lo por acidente.

Em geral, os monstros são muito territoriais; tendem a demarcar um espaço e protegê-lo ferozmente. Quando o irmão de Percy, Tyson, é atacado por uma esfinge na cidade, talvez tenha sido apenas por ele ter se aventurado no território dela. Vale a pena notar que o fato de Tyson ser ele próprio um monstro não lhe dá proteção alguma.

Esse é o tipo de monstro que talvez não tenha nada pessoal contra você, mas que não hesitará em matá-lo mesmo assim. Pode ser porque: a) está protegendo algo que acha que você quer roubar; b) está faminto; ou c) ambos.

Jovens heróis parecem enfrentar esse tipo de monstro com mais frequência quando estão em alguma missão, mas nem sempre é o caso. Os monstros podem ser encontrados praticamente em qualquer lugar, e se você se meter nos territórios de caça de uma Hidra, são grandes os riscos de que uma de suas sete cabeças o devore antes mesmo que você possa explicar que estava apenas a caminho do restaurante da esquina em busca de um *pastrami* com centeio.

Alguns monstros permanecem muito isolados do mundo dos mortais. Percy tem que ir até o Mar de Monstros para enfrentar Polifemo, o ciclope pastor com a ovelha carnívora, e Caríbdis e Squila, que destroem (outra vez) o navio de cruzeiro e sua tripulação. Há também as criaturas que contam com a espécie humana para sobreviver. Nos tempos antigos, os monstros vivam à custa dos humanos ao roubar suas ovelhas e cabras (ou, às vezes, ao fugir com uma de suas donzelas). No mundo moderno de

Percy, muitos monstros passaram a optar pelo varejo, dependendo dos humanos de uma maneira completamente diferente.

Esse tipo de criatura mágica não tem a intenção de matá-lo, mas vai simplesmente fazer o que precisa, sem perder um único segundo se preocupando com seu destino. Veja, por exemplo, a rede de lojas Donuts Monstro. Elas se espalharam por todo o país, cada uma ligada à força de vida de um monstro. As lojas multiplicam-se como cabeças de Hidra, mas se realmente fazem sucesso à custa de seus clientes humanos — o equivalente moderno das ovelhas ou donzelas roubadas, por exemplo —, infelizmente nunca saberemos.⁵

Outros ramos do comércio são obviamente mais perigosos, como a loja da Medusa — a Empório de Anões de Jardim da Tia Eme —, que Percy, Annabeth e Grover encontram por acaso em sua primeira jornada. Nos velhos tempos, monstros em busca de humanos podiam ser facilmente encontrados nos cruzamentos das principais ruas, onde o movimento era maior. Agora, monstros como a Medusa abrem as próprias lojas. O ponto central das sociedades dos mortais eram os cruzamentos, mas agora tudo gira em torno do comércio. Portanto, um herói esperto deve ser cauteloso nas lojas; ninguém quer pagar por um cheeseburger passando toda a eternidade como um ornamento de pedra em um gramado.

Os monstros não consideram a morte ou o desmembramento um impedimento para seus negócios. Veja o caso das Irmãs Cinzentas. Quem teria imaginado que seria uma boa ideia colocar três monstros que compartilham um só olho no controle de um táxi em Nova York?⁶ Como as irmãs não podiam entregar o olho umas para as outras sem dar início a uma violenta discussão, o único destino do táxi parecia ser um desastre. Ainda assim, mostrar o caminho para os heróis sempre foi a função dessas divindades desde a Grécia Antiga.

O fato de elas não se importarem com seus passageiros meio mortais mostra por que questões imortais nunca deveriam ser tratadas de forma leviana. Mesmo quando uma criatura mágica está meramente tratando de negócios — ou até mesmo quando está sendo prestativa, como as Irmãs Cinzentas —, ela pode ser muito perigosa.

Agora, abordemos o monstro que, de fato, leva a morte para o lado pessoal. Além do ódio inato entre os monstros e os heróis, existe outro motivo pelo qual alguns bichos horríveis, com presas, asas e pele ressequida, talvez queiram ver meios-sangues como Percy mortos. Muitos monstros são servos de vários deuses, que mantêm as criaturas sob seu domínio para que tomem conta de algumas funções estranhas (e às vezes repugnantes), como rastrear heróis, proteger tesouros e torturar semideuses que os deixam zangados.

Isso quer dizer que se você deixar algum dos deuses zangado, ele ou ela muito provavelmente enviará algo bem desagradável para que você tome conhecimento do que fez. Percy Jackson deixa vários deuses zangados só por respirar, então é bem provável que ele sinta que o mundo todo está à solta para caçá-lo. Mas isso não é verdade. Na maior parte do tempo, *vários* mundos estão à solta para caçá-lo.⁷

Esteja você lidando com a simplicidade obstinada do Minotauro ou a ferocidade conivente das Fúrias, se um deus enviou um monstro à sua caça, não há muito o que fazer. Então, você deve estar se perguntando por que me dei o trabalho de mencionar isso em uma lição sobre como evitar conflitos com monstros.

Se você é um herói, e um deus vingativo (ou talvez apenas entediado) enviou um monstro à sua caça, é possível que você não consiga impedir que isso aconteça, mas, se reconhecer cedo a ameaça, vai poder controlar o campo de batalha: táticas sábias podem equilibrar as coisas quando dois oponentes de níveis bem diferentes se enfrentam.

Por exemplo, se você fosse um herói e encontrasse uma Quimera soltando fogo pelas ventas em seu caminho, sua escolha óbvia seria fazer com que o confronto ocorresse próximo a uma fonte de água — ou, pelo menos, longe de materiais inflamáveis. Ao identificar o monstro com alguma antecedência, você pode conduzi-lo para longe de espectadores inocentes, testemunhas oculares inoportunas e construções que possam vir abaixo facilmente. Você deve sempre tentar evitar danos colaterais e estragos em imóveis, pois isso reduz os riscos de você passar a ser procurado pelas autoridades convencionais.

Esse é um caso em que as aventuras de Percy nos mostram como *não* lidar com monstros. Pense em como a vida seria mais fácil se ele não passasse tanto tempo sendo procurado pela polícia por explodir carros, ônibus, ginásios escolares e monumentos nacionais. A manutenção da ordem pública dos mortais pode não parecer tanto uma ameaça se comparada a uma falange de touros de bronze ou um bando de cêrberos, mas por que acrescentar inconveniências desnecessárias a uma jornada já tão complicada?

Lição 3: Localizando um monstro

O reconhecimento de um monstro não se limita apenas a memorizar os nomes e tipos de criaturas que você pode ter que enfrentar, embora isso também não atrapalhe. Se você se pergunta se sua professora de álgebra é uma Fúria ou apenas uma velha senhora malvada com um monte de gatos, o mais importante a fazer é usar a cabeça, começando pelos olhos, orelhas e nariz.

Criaturas com o espírito da natureza em sua origem, como ninfas, sátiros e ciclopes, conseguem facilmente farejar um monstro. No entanto, não é aconselhável ter uma ninfa ou um sátiro ao lado o tempo todo. Um

semideus esperto deve aprender a prestar atenção em seu olfato. Isso requer prática, uma vez que passamos boa parte de nossas vidas tentando *não* sentir o cheiro das coisas. As farmácias têm prateleiras inteiras dedicadas a sabonetes, desodorantes, talcos, perfumes e purificadores de ar — assim não somos obrigados a suportar cheiros desagradáveis.⁸

Felizmente, monstros não costumam se preocupar com tais coisas, o que torna mais fácil a tarefa de localizá-los. Gigantes canibais não passam fio dental. Embora ninguém goste de acusar um colega de turma de ter mau hálito ou cê-cê, se ele é capaz de derrubar um ônibus de dois andares com o hálito, isso pode ser um sinal de que você precisa amarrar os cadarços do tênis e se preparar para uma luta.

Ainda em dúvida se seu vice-diretor é um manticore? Talvez você possa “acidentalmente” acionar o detector de incêndio durante a aula. Se, quando a água o atingir, der para sentir cheiro de cachorro molhado por baixo do terno dele, é melhor evitar qualquer atitude que faça você ficar na escola depois da hora.

No mundo dos olímpianos, a Névoa pode obscurecer sua visão, mas o herói esperto sabe tirar proveito disso. Se você não consegue se lembrar da aparência da sua dupla no trabalho de biologia ou se já teve uma sensação estranha ao ficar cara a cara com ela, a Névoa pode ser a causa, o que acontece somente se você está lidando com um ser não humano.

Além disso, você pode observar o modo como a pessoa se veste. Nós tentamos ser discretos com relação às diferenças culturais em termos de roupas, mas um monstro inteligente⁹ pode confiar nisso para disfarçar seu disfarce. Um véu da cabeça aos pés pode ser perfeitamente inocente ou pode esconder um rosto capaz de parar um relógio — literalmente, ao transformá-lo em pedra.

Você deve prestar atenção também às escolhas relacionadas a moda. Como os monstros nunca morrem, eles têm dificuldade em seguir as

tendências passageiras no que diz respeito a roupas e hobbies.¹⁰ Se seu novo professor usa uma camisa havaiana com estampa de tigre todos os dias, ou se o novo aluno da escola nunca ouviu falar de PlayStation, talvez seja melhor não dar as costas para eles.

Enquanto você mantiver os olhos e ouvidos abertos e atentos, os monstros — com poucas exceções — serão facilmente localizados. Alguns deles são ardilosos, mas não são tão bons assim na tentativa de fingir que são humanos. Alguns até podem conseguir por algum tempo, mas geralmente acabam se denunciando diante de um herói atento. O problema é que a maioria dos heróis — não Percy e seus companheiros, é claro — costuma estar concentrada demais em descobrir o tesouro ou em encontrar o que busca para prestar atenção nisso.

Embora você deva ficar alerta a qualquer coisa errada ou estranha, nada — nem mau hálito, maneiras rudes ou roupas cafonas — deve ser conclusivo por si só. Seria vergonhoso ser expulso da escola (ou preso) por tentar golpear o diretor com uma caneta esferográfica só porque ele não usa desodorante suficiente.¹¹

É aí que Percy nos dá um bom exemplo de como lidar com monstros: pense na cena como um todo. O que ele faz de mais importante enquanto lida com uma criatura mítica é usar o cérebro. No mínimo, isso fará com que você pegue seu oponente desprevenido. Na verdade, ninguém espera que um herói seja inteligente; o treinamento tende a se concentrar mais nos músculos do que na mente.

Lembre-se da dica fundamental ao lidar com monstros, bruxos e deuses: *se algo parece bom demais para ser verdade, provavelmente é*. Uma oferta de algo a troco de nada deve sempre deixar o herói vigilante, e nada melhor para lhe dizer isso que o próprio bom senso.

Percy Jackson

Uma das coisas mais admiráveis no personagem Percy Jackson é que ele aprendeu com os erros ao longo de suas aventuras.¹² Sua educação clássica é quase inexistente, mas Percy demonstra que, para se sair bem ao lidar com um monstro, é preciso mais do que memorizar fatos e datas e saber história.

Um herói tem que observar todos os detalhes que fazem um monstro se sobressair em relação ao que é considerado normal no mundo dos mortais. Uma criatura com uma quantidade incomum de cabeças é algo bastante óbvio. Geralmente, o que Percy nota são os numerosos pequenos detalhes que resultam em duas coisas: um monstro e o perigo imediato.¹³

Essa característica não se aplica apenas aos momentos em que Percy precisa identificar monstros e matá-los, mas também ao modo como interage com todos os seres não humanos. Em suas aventuras, Percy faz uso desses diversos detalhes para decidir como lidar com cada monstro de forma individual. Ele resgata monstros e até os protege, faz amizade com eles. Talvez essa receptividade seja o resultado de ter um ciclope como irmão.

Ou talvez seja simplesmente parte de sua personalidade, algo a mais que o diferencia de outros heróis. Em suas batalhas com deuses e monstros, Percy Jackson não utiliza apenas os músculos e a mente, mas também o coração. Torna-se difícil prevê-lo e controlá-lo, e é por isso que os deuses o consideram tão potencialmente perigoso enquanto a profecia não se cumpre.

Mas isso também o torna um herói, tanto no sentido clássico, de semideus, quanto no da espécie humana. Essa é a lição mais importante que podemos tirar dos livros da série. Talvez você nunca tenha que enfrentar manticores e górgonas, e é possível que o Minotauro não esteja esperando para lhe armar uma emboscada a caminho da escola, mas todos nós temos que enfrentar nossos próprios monstros: intimidações, pressão social, medo

de estranhos, preconceito, escola nova... e uma lista infinita que torna nosso mundo desafiador mesmo que não sejamos semideuses.

Mas, assim como Percy Jackson, você também pode se sair bem em todas as suas jornadas caso leve em conta essas mesmas lições: evite conflito sempre que puder, mantenha os olhos abertos e os ouvidos atentos, e sempre preste atenção no todo. E, como Percy, nunca tenha medo de pedir ajuda a seus amigos.



Rosemary Clement-Moore é autora de romances de mistério sobrenatural para jovens (e não tão jovens) adultos, entre eles *Texas Gothic* e *The Splendor Falls*. Suas obras foram incluídas na lista dos melhores livros para adolescentes da American Library Association e receberam resenhas elogiosas da *Kirkus Reviews* e do *School Library Journal*. Rosemary tem uma longa história com os deuses gregos, desde que desempenhou o papel de Perséfone (com ninfas que cantavam e dançavam!) no musical que escreveu com sua turma na escola de teatro. Os leitores podem conhecê-la em www.readrosemary.com.

1 O original, e não o da série *Percy Jackson*. O antigo Perseu era filho de Zeus, e não de Poseidon, por isso é curioso que a mãe de Percy tenha escolhido esse nome.

2 Quíron não usaria este exemplo, é claro, porque em seu mundo não existem coisas como feiticeiros. Isso seria bobagem.

3 Justo pelo contrário, uma vez que, segundo o acordo entre os Três Grandes, você não deveria sequer existir, o que faz com que muitas criaturas tentem fazer de tudo para que você de fato não exista.

4 Ver nota de rodapé anterior: prole não legítima.

5 Se vivêssemos no mundo de Percy e dos olímpianos, eu pensaria definitivamente naquela rede de cafés com a sereia em seu logo, pelo simples fato de que convencer a sociedade mortal de que é razoável pagar três dólares por uma xícara de café só pode ser um plano para acelerar o fim da civilização ocidental.

6 Embora isso explique muito sobre os taxistas de Manhattan.

7 Estou me referindo ao mundo dos mortais, ao mundo dos imortais e ao Mundo Inferior. Hades, por

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Semideuses e monstros"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).